

ISSN 2183-234X

# CÔAVISÃO

ECONOMIA, CIÊNCIA E CULTURA

N.º 16 • ANO DE 2014

EDICÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA



# CÔAVISÃO

ECONOMIA, CIÊNCIA E CULTURA

N.º 16 • ANO DE 2014

Trabalho coordenado por  
JOSÉ MANUEL COSTA RIBEIRO  
ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

**Foto da capa:**

Vale do Côa e foz do Massueime  
Foto de António Martinho Baptista

**Composição e impressão:**

Côa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. – V. N. de Foz Côa  
Depósito Legal n.º 121116/98  
ISSN 2183-234X

---

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA  
2014

# Índice

Prefácio.....	5
Introdução.....	7
Universidade Sénior – Vila Nova de Foz Côa.....	9
Os 500 anos do foral manuelino.....	15
A arte de moldar o barro, do Neolítico ao século XX – em terras de Foz Côa.....	21
José Joaquim Ferreira de Moura: Um Fozcoense no Vintismo.....	33
Alguns Pseudónimos e iniciais de escritores Fozcoenses.....	39
Ensaio sobre “Portos, Portelas e Portagens”; “Barcas e Barcagens” na Área do atual Concelho de Vila Nova de Foz Côa.....	45
Arqueologia Pública e projecção social do património arqueológico: o caso do Vale do Côa.....	59
A identidade territorial e a aposta nos recursos endógenos como fatores impulsionadores do desenvolvimento económico dos territórios.....	67
O tingimento artesanal. Utilização do sumagre, do castanheiro e das galhas do carvalho na obtenção dos neutros: bege, castanho e preto.....	73
A Fundação CÔA PARQUE e o desenvolvimento integrado – Um desafio com objectivos, perseverança e trabalho.....	79
Para a história da arqueologia rupestre em Portugal. O Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART) em Vila Nova de Foz Côa (1997-2007).....	83
O Projeto Arquivo de Memória do Vale do Coa inserido na Estratégia de Eficiência Coletiva Turismo e Património do Vale do Coa – Provere do Coa.....	95
ART-FACTS: Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa.....	101

Coando a visão – Pelos cem anos do nascimento do vizinho Armando Martins Janeira.....	107
Os pombais do Vale do Côa: Conhecer para valorizar – <i>In memoriam</i> Armando António Trabulo (20-02-1940/12-07-2009) .....	111
As pesqueiras do rio Sabor no concelho de Torre de Moncorvo: Notícia e inventário .....	123
Retomar os caminhos do passado para desenvolver o Douro Superior .....	139
Mortalidad (inusitada) en la comarca del Abadengo durante la construcción de la vía-férrea del Duero (1883 – 1887).....	149
Os incêndios no Vale do Côa em 2013: causas e consequências no património arqueológico.....	163



# ART-FACTS: Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa

LARA BACELAR ALVES  
JOÃO MURALHA CARDOSO  
MÁRIO REIS  
BÁRBARA CARVALHO

## INTRODUÇÃO

O projecto que agora apresentamos (**ART-FACTS**) tem representado, desde o seu início, um esforço pioneiro e de carácter exploratório ao nível das ideias e conceitos sobre a arte do pós-glaciar. O seu potencial de inovação assenta na discussão de conceitos e no estudo integrado da arte e arqueologia. Desta forma as questões relativas à materialidade constitutiva da paisagem, desde o artefacto, o abrigo, o sítio arqueológico e mesmo a própria paisagem, irão tornar-se os centros de reflexão e problematização do projecto.

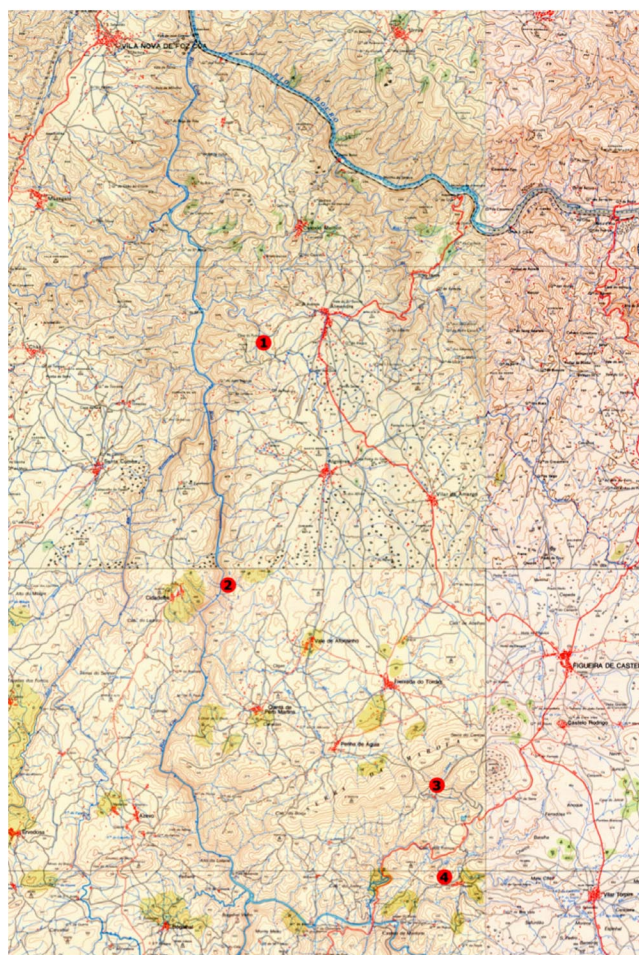
Como nota introdutória, torna-se igualmente importante referir que ao longo dos últimos 15 anos de investigação nesta área, muito se produziu, quer ao nível do excelente trabalho de prospecção de arte rupestre, quer ao nível de escavações arqueológicas em importantes sítios localizados na área do Parque Arqueológico do Vale do Côa e nas suas proximidades geográficas. A extensa bibliografia publicada assim o atesta. No entanto um projecto de investigação que alie as vertentes de prospecção e escavação em abrigos com arte pós-glaciar, ainda não foi posto em prática.

Acreditamos que este projecto será visível a três níveis diferenciados:

1 – Os trabalhos de prospecção irão permitir um maior e melhor conhecimento do território. O levantamento arqueológico da área do actual Parque do Côa ficará mais completo e esses novos dados permitirão que futuros projectos de planeamento e ordenamento do território se tornem mais consistentes e equilibrados.

2 – Estudo científico dos locais intervencionados com a utilização de novas metodologias de análise e apoiado por uma vasta equipa de colaboradores/consultores levará à obtenção de novos dados e a constantes reflexões. A partilha e divulgação será assim uma constante.

3 – Conservação e valorização dos recursos patrimoniais. Produção de novos discursos e mesmo novas plataformas de comunicação que poderão ser transmitidas e partilhadas ao Museu do Côa, referência obrigatória de visita.



**Figura 1** – Localização dos sítios a intervencionar. 1. Ribeirinha; 2. Lapas Cabreiras; 3. Colmeal; 4. Poço Torto (Carta Corográfica de Portugal esc. 1/50.000, folhas 15-A Vila Nova de Foz Côa e 15-C Pinhel).



## Enquadramento e problemática geral do projecto

A Arte Esquemática é uma tradição artística da Pré-história Recente que tem a sua mais característica expressão na pintura, sobre as paredes verticais de abrigos sob rocha, de elementos de um repertório figurativo composto essencialmente pela representação esquemática da figura humana, motivos geométricos lineares, entre os quais se destacam as grelhas, reticulados, conjuntos de barras, pontos, mais raramente animais e outros motivos figurativos. Porém, na actualidade, é aceite que os convencionalismos gráficos desta linguagem simbólica se materializam em diferentes suportes, ou seja, não ocorre apenas pintada (menos frequentemente gravada) em abrigos ou cavidades rochosas, mas também gravada em penedos ao ar livre e pintada ou gravada nas superfícies dos esteios de monumentos megalíticos. Em Portugal repousam os exemplares mais ocidentais desta tradição que se dissemina pelas franjas meridionais da Europa e, na Península Ibérica, se distribui pelas suas regiões Sul e Central. Com uma cronologia lata, é convencionalmente aceite que se insere nos períodos Neolítico e Calcolítico.



**Figura 2** – O abrigo da Ribeirinha, orientado a Oeste na margem direita da ribeira com o mesmo nome.

Aceitar o seu longo devir, é aceitar que esta tradição assistiu à emergência, transição e/ou diluição de diferentes comportamentos/estruturas sociais, culturais, ideológicos que moldaram a vivência das comunidades Pré-históricas peninsulares. Esta é uma temática central mas ainda pouco discutida (excepção para e.g. Jorge, 1991, Sanches, 1997) cuja reflexão deverá assentar na intersecção entre os contributos da investigação da arte e arqueologia pré-históricas e para a qual poderá contribuir, desde logo, uma maior

incidência na pesquisa dos contextos arqueológicos directa ou indirectamente relacionados com os *loci* eleitos para a aposição de pinturas/gravuras pertencentes a esta tradição.

Todavia, e salvo raras excepções, a investigação de arte rupestre considerou, durante décadas, as representações gráficas como seu ‘objecto de estudo’ quase exclusivo. Embora o rigor técnico e analítico seguido nos estudos monográficos seja condição *sine qua non* para constituir o acervo documental indispensável e sobre o qual se constroem cenários interpretativos, uma certa constrição metodológica acabou por inibir um debate aprofundado e globalizante sobre as motivações subjacentes à criação destes *loci*.

A investigação dos contextos arqueológicos, quer no sentido da identificação de um momento de passagem/ocupação/uso dos sítios, quer do reconhecimento de outras ocorrências na sua envolvente deve ser criticamente analisado e aferido à luz das problemáticas gerais em torno da longa duração das tradições artísticas pré-históricas, da longevidade dos sítios no espaço, na memória das comunidades que habitaram aquele mesmo território e da sucessiva transformação dos significados “simbólicos” a eles atribuídos. Contudo, essa investigação pode ser encarada como uma via de aproximação aos contextos sociais e culturais em que os sítios foram criados desde que considerada na intersecção das diferentes temáticas que visem a interpretação da acção do homem no mundo, sob uma perspectiva globalizante.



**Figura 3** – Detalhe do abrigo da Ribeirinha, vendo-se em posição frontal um dos painéis com pinturas.



## Caracterização das áreas e sítios arqueológicos

A eleição do tema e organização do plano de trabalhos do projecto ‘Art-Facts’ foram ponderados com base num rigoroso conhecimento da realidade. Não se parte de uma base empírica inteiramente desconhecida, já que os sítios visados foram objecto de levantamento e/ou inventariação, trabalhos preliminares que se pretendem agora complementar mediante a aplicação de novas metodologias e tecnologias de análise e levantamento.

Como contributo para o estudo contextual da pintura rupestre do Nordeste de Portugal, este projecto tem como objectivo central a investigação dos contextos arqueológicos de quatro abrigos pintados do Vale do Côa: Ribeirinha (Almendra, V. N. de Foz Côa), Lapas Cabreiras (Vale de Afonsinho, Figueira de Castelo Rodrigo), Poço Torto (Colmeal, Figueira de Castelo Rodrigo) e Colmeal (Colmeal, Figueira de Castelo Rodrigo). Estes quatro abrigos com pinturas rupestres constam dos inventários patrimoniais mas não foram objecto de publicação monográfica. Porém, um de nós (MR) levou recentemente à estampa informação mais detalhada sobre os mesmos num inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa que sumariza a informação disponível sobre estes e sobre os restantes sítios rupestres, de distintas cronologias (Reis, 2012; 2013; no prelo).



**Figura 4** – Vista de Sul da crista quartzítica onde se encontram os abrigos do Colmeal, ao lado da antiga aldeia do Colmeal.

A selecção destes sítios foi criteriosa e teve por base a possibilidade de contrastação de elementos de uma realidade que, apesar de ser convencionalmente uniformizada sob a designação de ‘pintura esquemáti-

ca’, encerra uma considerável diversidade a nível iconográfico, estilístico e da sua topologia simbólica (incluindo no que respeita à experiência física e sensorial dos lugares e da paisagem onde se inserem, bem como da percepção e interacção das pinturas com as características físicas do suporte) sobre a qual urge reflectir. Este conjunto permite igualmente confrontar entre si sítios com distintas implantações topográficas, suportes geológicos e iconografias.

Ribeirinha e Poço Torto são abrigos rochosos situados em contexto de fundo de vale, sobre cursos de água tributários do Rio Côa, na sua margem direita. O abrigo da Ribeirinha localiza-se num imponente vale granítico, muito encaixado, enquanto o Poço Torto se abriga num sector do vale de xisto da Ribeira do Avelal, com encostas de menor declive, junto a uma pequena queda de água. Em pleno contraste, o abrigo granítico de Lapas Cabreiras encontra-se no rebordo do planalto, sobranceiro à margem direita do Côa, numa zona alta e aberta, detentora de ampla visibilidade sobre a paisagem. Os abrigos pintados do Colmeal situam-se em plena Serra da Marofa e abrem-se numa crista quartzítica que flanqueia a entrada para as cumeadas superiores da Serra. É igualmente importante contrastar os vestígios arqueológicos de Lapas Cabreiras com a presença de pintura esquemática nos sítios da Faia e do Ervideiro, situados no fundo do vale em painéis destacados junto ao leito do rio, mas de muito difícil acesso desde o planalto dado o acentuado declive das margens nesta secção do vale (Reis 2012; 2013; no prelo).

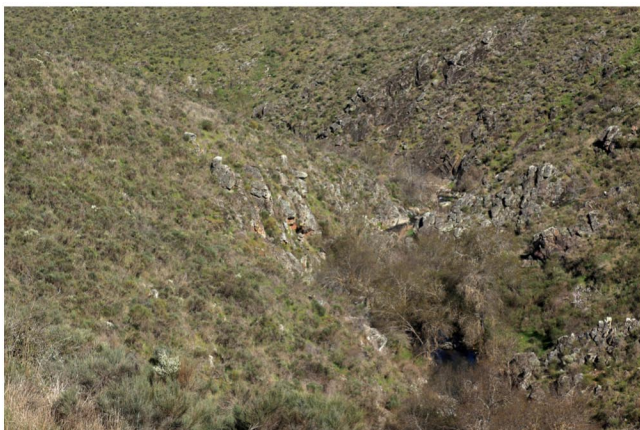


**Figura 5** – Aspecto da zona de implantação dos abrigos do Colmeal, no lado oposto da ribeira.

No que concerne à localização dos abrigos com pintura rupestre em relação a outros contextos arqueológicos datáveis da Pré-história Recente, é conhecida



a proximidade entre o abrigo da Ribeirinha e o sítio do Fumo com ocupação do IIº milénio AC, localizada numa das plataformas superiores de um esporão na margem esquerda da ribeira. Em frente, na margem direita, situam-se os sítios contíguos do Gamoal e Vale do Mateus, mais perto e com vista para o vale onde se situa o abrigo pintado, e de cronologia possivelmente mais antiga que o Fumo, embora ainda não aferida cientificamente (Zilhão 1997).



**Figura 6** – Vista de Sul do abrigo do Poço Torto, ao centro da imagem do lado esquerdo da ribeira do Avelal.

Já em Lapas Cabreiras foi possível identificar áreas de dispersão de material lítico e cerâmico, de feição pré-histórica, e nódulos de barro de cabana na zona envolvente ao abrigo pintado, num raio de cerca 600/700 metros, ao longo de uma sucessão de plataformas contidas entre o abrigo e o início da encosta sobre o Côa. Em duas áreas distintas deste abrigo foram encontrados fragmentos de cerâmica manual à superfície do solo. Nas imediações encontram-se referenciados dois sítios com ocupação pré-histórica: o Alto da Mioiteira e Casa Grande.

Por oposição, são inexistentes as referências a sítios arqueológicos nas proximidades do abrigo do Poço Torto, sobre as margens da Ribeira do Avelal, pelo que será esta uma das zonas onde se deverá investir um maior esforço de prospecção, visto ainda não ter sido alvo de qualquer reconhecimento do terreno como foi por exemplo a zona da Ribeirinha, no âmbito dos trabalhos preparatórios para o Relatório de 1995-1996 (Zilhão, 1997). Também perto do conjunto de abrigos do Colmeal foi identificada uma área de dispersão de materiais à superfície possivelmente de cronologia pré-histórica (Mário Reis, com. pess.).

O abrigo da Ribeirinha apresenta vestígios de fi-

guras antropomórficas pintadas a vermelho e outras, de difícil visualização e atribuição formal, camufladas por manchas informes de coloração avermelhada. Nas paredes do abrigo de Lapas Cabreiras surgem barras e pontos associados a motivos antropomórficos, num dos quais se assinala a figuração desproporcional das mãos, um recurso estilístico pouco comum nesta tradição, tal como o é a figuração isolada de motivos esquemáticos de ‘mãos’, também presentes. Neste conjunto é de realçar o contraste visual entre as imagens pintadas com pigmentos de distintas tonalidades que vão de um tom vinho ao vermelho vivo, vermelho escuro e alaranjado, bem como as distintas técnicas de execução.

Por seu lado, as pinturas rupestres no abrigo do Poço Torto, manifestam uma maior homogeneidade formal e estilística, entre as quais se salientam os motivos circulares raiados pintados a branco e a vermelho que encontram paralelos nalguns painéis do sítio do Ervideiro e motivos oblongos com secção linear interna. Nos abrigos do Colmeal dominam em absoluto as figuras antropomórficas que, no seu todo, ultrapassam a vintena.



**Figura 7** – Aspecto do abrigo do Poço Torto.

## Metodologia

O plano de trabalhos pressupõe uma acção prévia de reconhecimento dos sítios com Arte Esquemática pintada e gravada na área do projecto, com elaboração de ficheiro próprio e a prossecução das seguintes acções complementares ao registo gráfico e fotográfico dos painéis com pintura rupestre dos abrigos da Ribeirinha, Colmeal e Poço Torto, realizados pelo extinto Centro Nacional de Arte Rupestre.

- a) prospecção arqueológica da área envolvente;



b) elaboração de cartografia dos sítios arqueológicos inventariados e daqueles identificados *ex novo* através de aplicações de SIG.

c) levantamento topográfico tridimensional da envolvente e dos espaços internos dos abrigos articulando-o com o registo gráfico das pinturas;

d) levantamento fotográfico das pinturas rupestres e tratamento digital das imagens;

e) registo gráfico das pinturas rupestres do abrigo das Lapas Cabreiras e um painel num dos abrigos do Colmeal;

f) abertura de sondagens de diagnóstico nos espaços fronteiros às superfícies decoradas, plataformas exteriores aos abrigos e/ou em locais a seleccionar na área envolvente dos abrigos;

g) estudo do espólio (artefactos e ecofactos) proveniente das acções de prospecção e escavação arqueológicas e obtenção de datações absolutas para os contextos identificados;

h) criação de conteúdos multimédia destinados a incidir sobre as componentes interpretativas do projecto.

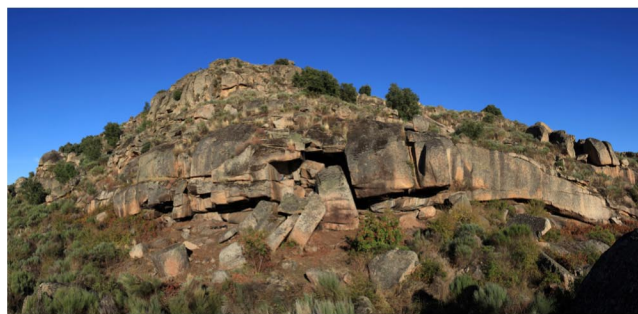


**Figura 8** – O abrigo das Lapas Cabreiras, do lado direito da imagem, dominando uma área aplanada sobre o rebordo superior do vale do Côa (à esquerda na imagem).

### Perspectivas e dinâmica de um projecto em curso

No contexto da arte rupestre da região do Côa, as manifestações da Pré-história Recente são as que têm menor expressão em termos quantitativos. Até ao presente foram inventariados 28 sítios que compreendem quer gravuras rupestres em superfícies ao ar livre, quer pinturas em abrigos sob rocha e/ou paredes ro-

chosas verticais. Todavia, o acervo conhecido na bacia hidrográfica do Côa constitui um dos mais interessantes complexos rupestres para a investigação da Arte Esquemática em território português. A diversidade que encerra sobretudo ao nível das temáticas representadas, dos preceitos e nuances estilísticas, das técnicas de execução, implantação na paisagem, da relação espacial dos sítios entre si e com outras manifestações rupestres de distinta cronologia, a par da sua longa sequência diacrónica, permite encetar estudos pioneiros de contrastação das diferentes expressões da Arte Esquemática peninsular e investigar o devir da arte da Pré-história Recente no tempo longo.



**Figura 9** – Aspecto do abrigo das Lapas Cabreiras.

Embora partindo de uma revisão e sistematização deste acervo, o projecto ‘Art-facts’ focaliza-se, como se disse, na investigação dos contextos sociais e culturais associados aos sítios com Arte Esquemática pintada. Contudo, é importante salientar que o propósito da identificação e processo de interpretação das materialidades associadas, directa ou indirectamente aos abrigos pintados, visa dotar de inteligibilidade histórica a vivência humana num espaço físico que vemos epicentrado, de certa forma, nas formações rochosas naturais as quais, a partir de determinado momento, se tornaram receptáculos de expressões simbólicas através da aposição de pinturas rupestres. O programa de escavações arqueológicas a realizar no âmbito deste projecto não têm, pois, como objectivo primeiro a datar o momento ou momentos de execução da arte rupestre, prosseguindo o tentador objectivo de estabelecer uma associação directa entre a sequência de ocupação do espaço envolvente e os episódios pictóricos identificados mas abordar, antes de mais, as especificidades de cada sítio intervencionado na sua associação aos contextos arqueológicos, ao domínio iconográfico, à sua simbiose com a paisagem envolvente e com os seus usos no tempo longo e no espaço quotidiano das



comunidades. É na prossecução desta análise globalizante mas centrada nas particularidades de cada um dos sítios em apreço e observância das continuidades e descontinuidades que assentará a nossa reflexão.



**Figura 10** – Detalhe do painel principal do abrigo das Lapas Cabreiras, vendo-se uma grande mão vermelha do lado esquerdo, tendo por cima uma figura humana em pigmento alaranjado, com braços estendidos na horizontal e grandes mãos abertas. Do lado direito, uma grande quantidade de motivos de difícil percepção.



**Figura 11** – Detalhe de um dos painéis do abrigo do Poço Torto, sendo visível uma figura solar ao centro, em pigmento vermelho, tendo à direita a única figura presentemente conhecida na região do Côa em pigmento branco, um motivo igualmente raiado com uma linha ramiforme no interior.

Neste sentido, podemos afirmar que os resultados

das duas primeiras intervenções no âmbito deste projecto que visaram o sítio da Ribeirinha e Lapas Cabreiras, e cujos dados se encontram em fase de estudo, superaram as expectativas iniciais, no que concerne às acções de prospecção, escavação e levantamento da arte rupestre. Sendo o Vale do Côa e o seu complexo rupestre uma fonte inesgotável para a produção de conhecimento em Arqueologia, pretende-se que o projecto ‘Art-facts’ contribua para a sua mais ampla divulgação.

## BIBLIOGRAFIA

- JORGE, Susana Oliveira (1991), A ocupação do espaço no Norte de Portugal durante o IIIº - inícios do IIº milénio A. C. In *JORGE, Vítor Oliveira & JORGE, Susana Oliveira (eds), Incursões na Pré-história*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, pp. 299-380
- REIS, Mário (2012), ‘Mil rochas e tal...!’: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa, *Portugália*, XXXIII, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 5-72
- REIS, Mário (2013), ‘Mil rochas e tal...!’: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (2ª parte), *Portugália*, XXXIV, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 5-68
- REIS, Mário (no prelo), ‘Mil rochas e tal...!’: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (conclusão)
- SANCHES, Maria de Jesus (1997), *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Porto, SPAE
- ZILHÃO, João (Coord.) (1997), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*, Lisboa, Ministério da Cultura